



O ESTADO DA ARTE SOBRE A SAÚDE SEXUAL DOS ADOLESCENTES

Waléria Bastos de A. G. Nogueira¹, Ivoneide Lucena Pereira², Jordana de Almeida Nogueira³,
Sandra Aparecida de Almeida⁴

¹ *Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Saúde da Família/Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE. Membro do Grupo de estudos: Saúde, Sexualidade, Gênero: tecnologia da comunicação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Faculdade de Enfermagem nova Esperança – FACENE. João Pessoa/Brasil. Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE, waleriabastos@hotmail.com*

² *Psicóloga. Gerente Operacional das DST/AIDS/Hepatites Virais da Paraíba. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba – PPGENF/UFPB. João Pessoa/Brasil. ivoneidelucenapereira@yahoo.com.br*

³ *Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba – PPGENF/UFPB. João Pessoa/Brasil. jalnogueira31@gmail.com*

⁴ *Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de estudos: Saúde, Sexualidade, Gênero: tecnologia da comunicação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Faculdade de Enfermagem nova Esperança – FACENE. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família – Mestrado Profissional. João Pessoa/Brasil sandraalmeida124@gmail.com*

RESUMO: Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) cujo objetivo foi identificar o que vem sendo produzido, nos últimos cinco anos, sobre saúde sexual dos adolescentes. A pesquisa foi realizada a partir da BVS, nas bases de dados LILACS, MEDILINE, BDEFN e também na SCIELO. O *corpus* da pesquisa foi composto por 11 estudos. Os resultados apontaram precocidade na iniciação sexual; pouco conhecimento dos jovens sobre preservativos e os que sabem minimamente, o fazem de modo intermitente; múltiplos parceiros e uso de drogas lícitas e ilícitas antes do sexo. Vale ressaltar que os meninos se apresentam mais vulneráveis que as meninas. Fica evidente também as questões de gênero associadas à sexualidade, assim como questões que se remetem a orientação sexual. A pesquisa apontou ainda as lacunas deixadas pelos serviços de saúde em relação a seu papel como fonte de informação e orientação. Conclui-se que é necessário intensificar esforços para o desenvolvimento de pesquisas que busquem novas propostas de ações de promoção da saúde sexual dos adolescentes que possam ser executadas pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), considerando o Programa Saúde na Escola, com propósito de melhorar a qualidade de vida desse público.

Palavras-chaves: saúde sexual, adolescente, enfermagem, serviços de saúde.

INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente, a partir da Lei 8.069/90, considera adolescente as pessoas que se encontram na faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos (SCHOENFERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010). Heilborn (2006) ao fugir do conceito pautado

na cronologia, amplia essa discussão ao acrescentar a essa etapa da vida, duas fases distintas e simultâneas, situação emocional e risco em específico o voltado à saúde, assim como sua influência direta na sexualidade, gravidez não planejada e nas DST's. Com o surgimento da aids vieram discussões que colocavam as sexualidades enquanto



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

potencializadora de adoção de práticas sexuais seguras com o uso dos preservativos. Acresce-se a queda no uso de preservativo passou de 51,6% (2004) em todas as parcerias sexuais, para 46,5% no ano de 2008 (BRASIL, 2008). Essa situação fez com que o número de adolescentes infectados pelo HIV aumentasse em mais de 50% na última década. Em paralelo, quase 30% das jovens latino-americanas se tornarão mães antes de completar 20 anos (ONUBR, 2014). Neste contexto a saúde sexual dos adolescentes vem sendo colocada cada vez mais em pauta. A presente pesquisa objetivou identificar os estudos produzidos nos últimos cinco anos (2010 – 2015) sobre saúde sexual dos adolescentes no Brasil.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Revisão Integrativa da Literatura desenvolvida a partir questão norteadora: O que vem sendo produzido sobre a saúde sexual de adolescentes nos anos de 2010 a 2015?. Realizada de dezembro de 2015 a janeiro de 2016, a partir do portal da BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde); BDENF (Banco de Dados de Enfermagem), MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line*) e SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*). Utilizou-se a terminologia em saúde

consultada nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/Bireme) identificando os termos saúde sexual e adolescente.

Incluíram-se artigos que abordassem sobre saúde sexual e adolescente, indexados nas bases de dados escolhidas para o estudo e publicados nos últimos 5 anos, nos idiomas inglês, português e espanhol e excluíram-se artigos sem resumos disponíveis, relacionados à pesquisa metodológica, capítulos de livros, dissertações, teses, trabalhos que não estavam na íntegra e que se tratava de descrição de eventos. Inicialmente encontraram-se 23.269 produções após filtro, dos últimos 5 anos e selecionar Brasil como país do assunto, restaram 262 artigos, posteriormente, selecionou-se os que faziam referência ao objeto de estudo, restando 29 artigos que, após a leitura dos resumos, 17 foram excluídos, por não atenderem aos critérios de inclusão e 1 por não apresentar respostas para a questão norteadora da pesquisa. Posteriormente, procedeu-se à leitura na íntegra dos 11 artigos que constituíram o *corpus* da RIL. Os dados foram analisados de forma descritiva, tendo como base seus conteúdos, além da relação dos dados com o objeto de interesse destacados em cada estudo, de onde emergiram 4 categorias.

RESULTADOS

Em relação ao ano de publicação, em 2010 foram publicados (4) artigos, em 2013

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



(3), no ano de 2012 (2) e em 2011 e 2014 uma publicação por ano. Em relação à formação acadêmica do autor principal predominou enfermagem (6). Nos objetivos dos estudos, verificou-se que a saúde sexual dos adolescentes foi abordada de diferentes maneiras o que permitiu agrupar os resultados em 4 categorias.

Categoria 1: saúde sexual dos adolescentes

Em relação aos estudos que compuseram essa categoria o artigo 1 demonstrou que a iniciação sexual ocorreu entre 12 e 19 anos com ênfase para os meninos. Os resultados do artigo 2, revelou que a idade da primeira relação sexual teve predomínio entre 13 e 14 anos. A respeito ao preservativo, no artigo 1 em ambos os sexos, utilizavam preservativos em suas relações sexuais de modo intermitente e ressalta o conhecimento do preservativo como meio para evitar DST's e HIV/Aids.

Esse resultado diverge do achado no artigo 3, onde foi constatado que os jovens ainda restringem-se ao preservativo masculino. Nos 3 artigos poucos jovens buscam auxílio dos profissionais de saúde para esclarecimentos ou acompanhamento sobre sexualidade e contracepção.

Categoria 2: Comportamento/prática sexual e fatores de risco

Composta pelos estudos 4, 5 e 6, onde o artigo 4, faz menção a orientação sexual,

colocando os Homossexuais e Bissexuais, como os que estão mais associados a prática sexual desprotegida, ao uso de álcool e drogas. O artigo 5 apontou que a iniciação sexual oscilou entre 10 e 19 anos. A respeito do número de parceiros a maioria afirmou ter entre dois e mais de cinco. O artigo 6 aponta que 10% dos entrevistados disseram não conhecer qualquer DST's; 60% disseram conhecer contraceptivo oral e 30% contraceptivo injetável e 53% usam ou já usaram alguma droga lícita e/ou ilícita.

Categoria 3: sociabilidade do gênero e da sexualidade

Essa categoria foi composta pelos artigos 7, 8 e 9. Os comportamentos sexuais são valorizados de modo diferente quanto a questão de gênero; a virgindade ainda é ponto importante para as meninas, e, portanto, a relação sexual deve acontecer no casamento. Para os meninos a primeira relação sexual pode acontecer no namoro; o prazer é tido como o sucesso e obrigatório da relação sexual, enquanto o significado do mesmo é desconhecido pelas meninas. No artigo 8 houveram opiniões relativas ao tamanho do pênis; a representação do prazer mais para os meninos em detrimento das meninas; o afeto envolveria a iniciação sexual para as meninas e a atração seria o disparador para os meninos. A mulher, no artigo 9 ainda é



colocada como a responsável pela saúde sexual do casal.

Categoria 4: estratégias de educação relacionadas a sexualidade

Composta pelos artigos 10 e 11, o artigo 10 abordou estratégias no ambiente virtual contando com 11 *blogs* criados por estudantes e o artigo 11 buscou em ambiente educacional, relatar os efeitos das ações de educação em saúde junto a uma escola pública de Fortaleza/CE e concluiu que os adolescentes conhecem o preservativo masculino, mas não o utilizam de maneira correta e sistemática, expondo-se às DST/Aids e à gravidez não planejada.

DISCUSSÃO

A análise dos 11 artigos que compuseram a presente RIL, a precocidade de idade na iniciação sexual, os meninos em específico. Este fato pode estar relacionado a uma socialização da cultura masculina agregando o prazer a virilidade (HEILBORN, 2006). No artigo 3, constatou-se que os jovens ainda sabem pouco sobre as DST's e contracepção, restringindo-se somente ao anticoncepcional oral e injetável e ao preservativo masculino. Contudo, assim como o artigo 1, o uso destes dispositivos não é contínuo ou adequadamente acompanhado por profissional de saúde. Esses dados corroboram com os resultados de outra pesquisa que constatou que todos (as) os (as)

jovens tinham atitude de transitoriedade e inconstância no uso (ALMEIDA, 2014).

Sobre a drogadição e número de parceiro o artigo 5 refere que o uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas, pode ser um dos fatores que desencadeiem a iniciação sexual precoce, ao acreditarem que esses artifícios influenciam no aumento do desejo sexual, no entanto, percebe-se uma confusão por parte dos adolescentes no que se refere a perda da inibição e o impulso para tomada de decisões com o aumento do desejo sexual (BERTONI, 2009).

Diferenças de gênero e socialização da sexualidade, são discutidos nos estudos 7, 8 e 9 nos quais, para as meninas, há ainda questões de afetos e instituições sociais, como o casamento, para o início das atividades sexuais. Nota-se ainda forte influência sócio cultural no que se refere ao prazer, onde as meninas repetem valores culturais fortemente vinculados ao masculino em detrimento de suas necessidades. Em contrapartida, para os meninos a relação sexual independe do afeto, necessitando somente da atração sexual, e o prazer, também socializado enquanto um marcador de virilidade, masculinidade e sucesso na relação sexual. Observa-se forte componente da socialização do sexo, da sexualidade e dos papéis de gênero, os quais serão mais tarde, os grandes responsáveis pelas dificuldades na negociação do



preservativo, do posicionamento das meninas/mulheres, em sua saúde sexual.

Sobre comportamento/prática sexual e é associada a orientação e a exposição aos riscos, compreendendo tal situação a partir do imaginário social, que desqualifica suas relações afetivo-sexuais por não se enquadrarem na heteronormatividade. No entanto, Nogueira e Almeida (2011), afirmam que existe uma construção social da heteronormatividade, que ancora posicionamentos que podem colocar em risco não somente os desejos, mas a própria construção de uma orientação sexual positiva para quem a vive. Chama a atenção nos estudos analisados (1,2,3,5,6,7,8,10), a pouca ou ausência da referência, pelos adolescentes, na busca por profissionais e serviços de saúde como fontes de informação e orientação nos diversos momentos da trajetória sexual e contraceptiva.

Em relação as pesquisas sobre estratégias de saúde, o artigo 10 coloca o meio virtual como protagonista de um novo caminho para promover saúde, os *blogs*. Em 2008 o Ministério da Saúde concluiu uma pesquisa sobre comportamento sexual do brasileiro e a análise das informações levaram a *internet* como uma poderosa aliada na propagação de informações adequadas à saúde sexual de adolescentes, jovens e adultos (BRASIL, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pelos estudos produzidos nos últimos cinco anos sobre a saúde sexual dos adolescentes, conclui-se que os estudos apontam precocidade na iniciação sexual; pouco conhecimento dos jovens sobre preservativos, uso intermitente dos que conhecem; múltiplos parceiros e uso de drogas lícitas e ilícitas antes do sexo. Essas são as variáveis que os remete a condutas de risco e extrema vulnerabilidade às DST/HIV/Aids e gravidez não planejada. Entretanto, vale salientar que ao se abordar questões relativas as sexualidades, intrinsecamente cabe também discussões acerca das questões de gênero e da socialização das sexualidades que podem ser ainda hoje sérios comportamentos que podem potencializar esses adolescentes. Nesse contexto, foi visível também as lacunas deixadas pelos serviços de saúde em relação a seu papel como fonte de informação e orientação, ratificando a necessidade de diálogo e estratégias de ações integradas entre serviços de saúde e comunidade educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A., et al. Concepção de jovens sobre o hiv/aids e o uso de preservativos nas relações sexuais. **Rev. Gaucha de Enferm.** 2014.

ASSIS, S. G. de; GOMES, R.; PIRES, T. de O. **Adolescência, comportamento sexual e**



fatores de risco à saúde. Rev. Saúde Pública vol.48 n.1 São Paulo Feb. 2014.

BERTONI, N; et al. **Uso de álcool e drogas e sua influência sobre as práticas sexuais de adolescentes de Minas Gerais,** Brasil. Cad Saude Publica. 2009;25(6): 1350-360.

BRASIL. Sistema Nacional de Auditoria. Departamento Nacional de Auditoria do SUS. MS divulga retrato do comportamento sexual do brasileiro, 2008. Disponível em: <http://sna.saude.gov.br/noticias.cfm?id=4565>. Acesso em: 23/01/2016

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

DIAS, F. L. A. **Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência.** Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 jul/set; 18(3):456-61.

HEILBORN, M. L. et al. **O aprendizado da sexualidade:** reprodução e trajetória sociais de jovens brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond Fiocruz, 2006.

KOERICH, M. S. **Sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e contracepção:** atuação da enfermagem com jovens de periferia. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 abr/jun; 18(2):265-71.

MACHADO. N. G.; et al. **Uso de drogas e a saúde sexual de adolescentes.** Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 abr/jun; 18(2):284-90.

MALTA, D. C.; et al. **Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares.** Rev. bras. epidemiol. vol.14 supl.1 São Paulo Sept. 2011.

MARTINS, C. B. de G.; et al. **As questões de gênero quanto à sexualidade dos**

adolescentes. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2012 jan/mar; 20(1):98-104.

MARTINS, C. B. de G.; et al. **Sexualidade na adolescência:** mitos e tabus. Cienc. enferm. vol.18 no.3 Concepción 2012.

NOGUEIRA, J. de A., ALMEIDA, S. A. **Diversidade sexual no contexto escolar:** percepção e atitudes dos educadores. Cienc Cuid Saude 2011 Jul/Set; 10(3):459-466

ONUBR. **Número de mortes por Aids entre adolescentes triplicou nos últimos 15 anos.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-mortes-por-aids-entre-adolescentes-triplicou-nos-ultimos-15-anos-segundo-agencia-da-onu/>. Acesso em: 02 de Fevereiro 2016.

SCHOEN-FERREIRA T. H.; AZNAR-FARIAS, M.. **Adolescência através dos Séculos.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234.

VALLI, G. P.; COGO, A. L. P. **Blogs escolares sobre sexualidade:** estudo exploratório documental. Rev. Gaúcha Enferm. vol.34 no.3 Porto Alegre Sept. 2013

VONK, A. C. R. P.; BONAN, C.; SILVA, K. S. da. **Sexualidade, reprodução e saúde:** experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. Ciênc. saúde coletiva vol.18 n.6 Rio de Janeiro Jun. 2013